

Declinação

Alexandre Faria*

Ilustração: Raniel Andrade

Toda força no cristal dos olhos, ela ficou na calçada me esperando. Era uma entrevista. Quem sabe, breve, eu me tornasse Gerente de Expansão do Shopping Grande Império. Nossa vida, melhor. Entre mim e os entrevistadores, a mesa: gráficos, pastas, planilhas, docs. Xícaras para cafezinho, louça fina, detalhes dourados. Eram dois. Pensei em papéis diferentes – o acolhedor e o violento, mas falariam ao mesmo tempo. Eu, pura intenção de pontes entre sílabas. Não tropeçar na língua. Entre nós, um eco branco. Esperei quebrarem o silêncio. Nada.

Nada. Na ponta do nariz. Na testa. Suor inevitável. Que palavras sustentam uma história sem perguntas? Continuaram em silêncio. Seus olhos davam choque. Fui embaçando.

Que havia cartas na manga era óbvio. Mas por aquilo não esperava. A xícara. Branca. No pires. Sobre a mesa. De porcelana. Detalhes em ouro. Vazia. Quebrou-se. E eles atacaram (para os técnicos de Seleção e Recrutamento, palavras nunca acontecem):

– Por que você quebrou a xícara?

Mantive as mãos sobre as coxas, onde estavam desde sempre.

– Mas nem toquei na xícara, respondi.

– Isso nós vimos e sabemos. Responda o que lhe foi perguntado.

Telefone. Tonteei, não consegui lembrar o que me fora perguntado.

– Por que você quebrou a xícara? – de novo aquele eco baço, pior que um holofote sobre os olhos.

– Eu não quebrei a xícara.

– Você fez perguntas. Disse que não há histórias sem perguntas.

Eu não dissera aquilo. Ou dissera pensando? Alfinetes sob as unhas.

– Disse, sim.

Dessa vez eles não falaram ao mesmo tempo e ficou feio aquele sisim sibilando, oco, turvo, uníssono em cacos.

Eu poderia suportar mais, mas não achei que valesse a pena.

– Eu quebrei.

Em seguida, foram amistosos. Que a expansão do Shopping Grande Império dependia de pessoas determinadas, convictas, resolutas, fortes. Como eu. E me dispensaram, agora um de cada vez:

– Aguarde uma correspondência em casa.

– Podemos adiantar que seu resultado foi positivo. Parabéns.

Lá fora ela me esperava. Os olhos. O brilho.

– E então, deu tudo certo? Ela apostava em mim. Ela sabia que nossa vida ia melhorar.

– O resultado foi positivo. Tentei sorrir, infeliz.

Breve, quebraria também aquele cristal.

* Professor da Faculdade de Letras da UFJF. Publicou “Literatura de subtração” (ensaios, Papel Virtual, 1999); “Anacrônicas” (ficção, 7Letras, 2005); “Lágrima palhaça” (poesia, Aquela, 2012); e “Venta não ‘ (poesia, Funalfa/TextoTerritório, 2013). Organizou o livro “Anos 70 – poesia e vida” (UFJF, 2007) e a revista “Ipotesi” sobre Literatura Marginal (UFJF, 2011)